

## Criando a Conquista do México: o trabalho de William H. Prescott (1843)

LUIZ ESTEVAM DE OLIVEIRA FERNANDES\*

William H. Prescott causou enorme repercussão com sua obra *History of the Conquest of Mexico*, de 1843. Parcialmente baseado em documentos inéditos (ou há muito sem uso) que vieram da Espanha, o livro foi traduzido em pouquíssimo tempo para outras línguas. No México, local onde a intelectualidade procurava formas de elaborar sínteses históricas sobre o século XVI, o interesse foi tamanho que duas traduções, quase simultâneas, foram feitas: uma delas fartamente anotada por Lucas Alamán (Gardiner, 1969: 16).

Pouco mudara e muito se consolidara na bem sucedida carreira do historiador de Boston até aquela data. Seus estudos começaram ainda nos anos 1820, quando abandonou a prática do Direito e dedicou-se unicamente à literatura, publicando estudos sobre Lord Byron, Alexander Pope, escritores franceses e italianos, sempre pela *North American Review*<sup>1</sup>. Por conta da estreita amizade cultivada com George Ticknor, pioneiro intelectual hispanista dos Estados Unidos, professor de Harvard, que mais tarde seria o primeiro dos biógrafos de Prescott, passou a pesquisar literatos espanhóis.

Sua entrada para a elite dos historiadores de seu país deu-se após uma década de estudos de fontes e textos espanhóis, quando, em 1837, publicou *History of Ferdinand and Isabella*, obra sobre os Reis Católicos. A obra valeu-lhe indicações nas principais academias científicas norte-americanas de então. Para escrever essa obra, Prescott valeu-se de muitos contatos com intelectuais espanhóis e livreiros na Europa que, sempre que possível, remetiam material solicitado pelo americano em cartas.

Segundo Richard L. Kagan, a própria decisão de Prescott de investigar em primeira mão, lançando mão de fontes primárias, os feitos dos Reis Católicos “representou um

---

\* Professor de História da América do Departamento de História do ICHS-UFOP. Doutor em História Cultural.

<sup>1</sup> Revista bimestral, depois trimestral, fundada em Boston, em 1815, pelo jornalista Nathan Hale. Serviu com o principal veículo difusor da intelectualidade da Nova Inglaterra até a década de 1860, quando passou a dividir a cena com outras publicações homólogas. Em suas páginas, George Ticknor, George Bancroft, Prescott, entre outros, publicaram alguns de seus textos discutindo História e questões culturais. A publicação existe até hoje. O acervo da revista (entre os anos de 1815 e 1900) foi digitalizado e encontra-se disponível na Biblioteca da Universidade de Cornell, no endereço: <http://digital.library.cornell.edu/n/nora/nora.html>.

marco na própria historiografia norte-americana”. Essa nova marca dava-se pelo rompimento da História eminentemente nacional que os Estados Unidos de então produziam: “ainda que os norte-americanos de princípios do século XIX lessem história européia – principalmente tal como a interpretavam Edward Gibbon, David Hume, William Robertson e Voltaire” –, ninguém produzia algo inédito sobre outro lugar do mundo (Kagan, 1998: 230).

O sucesso de seu primeiro livro o encorajou a tocar adiante o projeto de sua longa carreira historiográfica: mapear a constituição do império espanhol do século XVI (Gardiner, 1959: 11). Valendo-se dessa mesma rede de contatos, o historiador pôs-se a trabalhar em mais um projeto: a História da Conquista do México e do Peru, entendidas como parte fundamental da constituição do império espanhol. Decidiu estudar primeiro a Conquista do México, respeitando a ordem cronológica das duas empreitadas, dando especial ênfase à figura de Hernán Cortés.

Na busca por expandir a rede de relações com pessoas que pudessem lhe fornecer materiais de pesquisa, encontrou uma figura chave: Joel Roberts Poinsett, que havia sido o primeiro ministro estadunidense no México e que ocupava, àquela altura, o posto de Secretário de Guerra do governo de Martin Van Buren (1837-1841). Poinsett indicou três nomes que poderiam auxiliá-lo no México: Lucas Alamán, Manuel Eduardo de Gorostiza e o Conde de Cortina. Prescott escolheu este último como primeiro contato, escrevendo-lhe ao mesmo tempo em que enviava dois livreiros de sua confiança ao México, levando com eles vultosa quantia de dinheiro para comprar manuscritos e fontes para seu novo projeto.

Ambas as tentativas fracassaram e, depois de muito insistir na correspondência com Cortina, o historiador de Boston passou a escrever para Alamán, historiador e chefe do partido conservador no México. Embora o literato mexicano tenha se esforçado em prover algum material para Prescott, a principal fonte dos documentos utilizados pelo norte-americano acabou provindo de seus contatos na Espanha, dos arquivos da Real Academia de Madri, mais precisamente do fundo recém organizado por Juan Bautista Muñoz, historiador oficial de Índias.

Metodologicamente, *History of the Conquest of Mexico* estava separada em 3 partes (não evidenciadas na separação em livros): a primeira correspondia à introdução e se ocupava das chamadas “Antiguidades indígenas, as origens da nação, segundo o próprio

autor (Prefácio, XI). A segunda porção era de uma narrativa eminentemente política dos eventos da Conquista, à qual Prescott afirmava ser a parte eminentemente histórica de seu livro. Finalmente, a conclusão do trabalho era, a seu ver, estritamente biográfica.

A intenção era clara: “the general views of the Introduction Will prepare re reader for the particulars of the Conquest, and that the great public events narrated in this will, without violence, open the way to the remaining personal history of the hero who is the soul of it. Whatever incongruity may exist in other respects, I may hope the *unity of interest*, the only unity held of much importance by modern critics, will be found still to be preserved” (XI – grifo no original).

Hora de tecer duas ponderações sobre sua concepção de História e sobre seu método. Como Prescott afirmou na introdução de suas obras e em cartas pessoais, ele separava História e ficção pelo compromisso com a verdade dos fatos que a primeira deveria ter. Ainda assim, o texto escrito de seu punho era, acima de tudo, uma narrativa e estava sujeito às regras de quaisquer outras narrativas até onde os documentos assim o permitissem.

Ele próprio escreveu que pensava a História como “uma épica em prosa, um romance de cavalaria”. São inúmeras as passagens do texto de *History of the Conquest* em que seu autor se diz diante de eventos únicos, dignos da tradição de cavalaria, na qual os fatos pareciam ter saído de romance, ou ainda apontando para comparações entre os feitos de Cortés e seus homens e passagens quixotescas<sup>2</sup> (Cf. De Armas: 1996). No prefácio do livro ele relata ter optado por continuar a narrativa da biografia cortesina para não perder o *dénouement* correto de seu texto (Prescott: X).

Prescott lera o *Sur l'étude de L'histoire* pela décima vez enquanto escrevia seu *The Conquest of Mexico*, e confessa, em seus cadernos de nota, ter seguido seu plano de pensar a História de forma não filosófica (Apud Levin, 1959: 11). David Levin, com base nesses mesmos apontamentos, também mencionou o uso de Tito Lívio, a quem relia com frequência, e considerava “o maior”, e ponderou sobre o método historiográfico do intelectual da Nova Inglaterra:

---

<sup>2</sup> “Few pictures, indeed, in that or any other legend of chivalry, could surpass the realities of their own experience. The life of the adventurer in the New World was romance put into action. What wonder, then, if the Spaniard of that day, feeding his imagination with dreams of enchantment at home, and with its realities abroad, should have displayed a Quixotic enthusiasm,-a romantic exaltation of character, not to be comprehended by the colder spirits of other lands!”; afirmou Prescott, por exemplo, na página 59 do Capítulo 8, Livro III, Segundo tomo.

*The subject had to be an interesting narrative, on a "grand theme," in which a varied group of remarkable, vigorous characters acted heroically on the largest possible stage. The grand theme involved the origins of a nation (preferably, in some way, America), the progress of Liberty in her battle against Absolutism, the conquest of a continent, or all of these. It included, if possible, some 'poetic'- that is, melancholy- incidents. The scenery had to include something of the picturesque, and as much of the sublime as possible (1959, 11).*

Se o projeto de Prescott era justamente mostrar a Espanha em seu auge de poder, é justo entender como seus textos estabeleceram nos Estados Unidos aquilo que Kagan (1996) chamou de o “Paradigma Prescott”: “uma maneira de entender a Espanha como a antítese dos Estados Unidos”. A Espanha caminhava apartada do resto da Europa, visto como protestante, e seus idéias de império se opunham a visão whig de Prescott sobre o que deveria ser uma República. Esse paradigma seria pautado em elementos como anticatolicismo, crítica do absolutismo, defesa do livre comércio e da liberdade individual. Logo, extrapolando a tese inicial de Kagan, também nos parece justo pensar o quão paradigmática foi a obra de Prescott para a história colonial do México, em especial sobre as narrativas da Conquista. Essa ampliação do “paradigma Prescott”, embora já parcialmente abandonado<sup>3</sup>, foi aquele que centrou a narrativa da Conquista no gênio heróico de Cortés. Outro importante ponto dessa forma de ler o século XVI foi a periodização ali cristalizada: o fim do mundo indígena dava-se tão logo se findava a Conquista.

É necessário matizar essas afirmações. Não foi o historiador norte-americano quem inventou a idéia de que havia uma Espanha obscura em face a um mundo protestante que se desenvolvia. Tal revalidação de antigas acusações da *Leyenda Negra* cristalizou-se nos Estados Unidos a partir de obras como as de Prescott, mas, como demonstrou Iván Jaksic, de outros intelectuais estadunidenses como George Ticknor e Mary Peabody Mann (2007). O mesmo estudo de Jaksic também mostrou a enorme recepção que *History of Ferdinand and Isabela* tiveram na Espanha, onde o tradutor edulcorou o livro, retirando juízos de valores sobre a “decadente” religiosidade espanhola. A

---

<sup>3</sup> Juan A. Ortega y Medina, em 1986, por exemplo, afirmou que “Prescott es un ejemplo palpable de un tratamiento objetivo, imparcial e impersonal del dramático acontecimiento [Conquista]”.

recepção envolveu uma parte calorosa, que elogiava a síntese e o método de Prescott ao narrar o momento áureo da história nacional espanhola, sobre o qual ainda haveria um vazio na historiografia; mas também guardava seu quinhão de críticas: houve quem reprovasse interpretações e comentários do livro, atribuídos aos preconceitos típicos de um protestante, dada a injúrias que perniciosamente fomentariam a imoralidade e a desordem social.

Por essa mesma lógica, não imaginemos que foi Prescott quem inventou a fórmula narrativa da Conquista do México centrada na figura de Cortés ou que deu a história indígena como encerrada quando da queda de Tenochtitlan. Pelo menos três aspectos têm que ser discutidos para que se possa compreender a idéia de um paradigma Prescott ampliado: o lugar discursivo dos indígenas na história da Conquista; as fontes utilizadas pelo historiador da Nova Inglaterra; e a recepção da obra no México.

O primeiro ponto já foi abordado neste texto, quando citamos a divisão que o próprio Prescott deu a seu livro. Nela, a história indígena ocupava a parte filosófica do livro. Ou seja, os índios, discursivamente, não tinham história, eram privados de temporalidade. Deviam constar do texto, pois era necessário demonstrar que não eram simples selvagens sendo conquistados. Aquele punhado de espanhóis, de cuja presença já se estava teleologicamente ciente, deveria conquistar uma nação de bárbaros impressionantes, com alto domínio de tecnologia e de sociedade estruturada. Sua barbárie, no entanto, não os eximia da lógica do choque entre povos: aqueles com mais lato grau de civilização devem sobrepujar seus oponentes nesses casos. Portanto, no texto de Prescott, por mais fascinantes que fossem os astecas, mais encantadores eram os espanhóis que os subjugaram. O local discursivo seguia a fórmula do romance histórico: nos preâmbulos da obra deve se expor ao leitor tanto o protagonista quanto o antagonista, ainda que já saibamos que os defeitos e vícios de origem do segundo serão, indubitavelmente, superados pelas virtudes do primeiro.

O segundo ponto é decorrência do primeiro. Prescott valera-se de fontes espanholas coloniais e, em grande medida, do texto de Antonio de Solís. Alias, parte da decisão de continuar seu livro para além de 1521 deu-se para se distanciar do texto do cronista espanhol: *“Solís took the more politic course, of concluding his narrative with the fall of Mexico, and thus leaves his readers with the full impression of that*

*memorable event undisturbed on their minds” (p. X). Sua opção por centrar a Conquista em Cortés, no entanto, coincide com a de Solís.*

Nesse sentido, ao escolher antagonistas e protagonista claro, a narrativa histórica prescottiana ganhou força. Alberto Rodríguez (1995) fez uma leitura de *History of the Conquest of Mexico* na qual evidencia o papel dos espanhóis como heróis e mostra as marcas textuais que o bostoniano deixou na sua construção da aventura do herói Cortés. Elas se dariam em três etapas: 1) o herói abandona a vida que conhece (a saída de Cuba e os entrevos com o tirânico Velázquez de Prescott); 2) o herói adquire experiência (embates e negociações com totonacas, tlaxcaltecas, em Cholula etc.); 3) triunfo e fracasso do herói (queda de Tenochtitlan e ardis nos quais Cortés se enreda e que o levam à ruína).

Tulio Halperín lembra-nos que a historiografia da conquista e da colonização passou a se sobrepôr às preocupações em explicar como o império espanhol pareceu “sobreviver a uma decadência plurissecular”. Este era a preocupação que, até meados do século XIX, oferecia “um núcleo temático e problemático à investigação do presente e do passado da América espanhola colonial”. Para o historiador argentino, os dois livros de Prescott sobre as conquistas do México e do Peru foram os grandes responsáveis por deslocar esse núcleo

*“para o momento inicial dessa experiência colonial. A história tem, agora, dois núcleos temáticos cuja integração não se faz sem ruído: as ricas e complexas civilizações pré-colombianas e as vitórias das hostes conquistadoras. A reação do historiador diante tanto de umas quanto das outras é igualmente perplexa: a grandeza monumental das realizações daquelas civilizações e o que as façanhas de seus conquistadores têm de descomunal não podem deixar de arrebatá-la sua admiração; os incompreensíveis extremos de desumanidade observados naquelas civilizações e os exageros, por demais compreensíveis, que marcaram as condutas de alguns heróis excessivamente vulneráveis às tentações da mais sórdida cobiça, inspiram, alternadamente, uma repugnância que excede a esfera do julgamento moral, e uma admiração com a qual convive contraditoriamente” (Halperin: 1997).*

Ou seja, a narrativa que Prescott punha fim ao mundo indígena, que saía de uma “filosofia”, de uma descrição de seus modos de vida descolada do tempo histórico, para

chegar como elemento antagônico ao jogo histórico da Conquista capitaneada por Cortés e suas hostes. Se isto, como conteúdo, já podia ser visto em Solís e outros cronistas, como narrativa canoniza-se em Prescott.

Esse uso de fontes coloniais há muito esquecidas ou não pesquisadas tornou-se obsessão para os historiadores mexicanos, leitores de Prescott. E isso nos leva ao terceiro ponto. Como já afirmamos, o livro de Prescott foi ovacionado tão logo veio à luz. Seu novo livro lhe valeu quatro distinções honorárias e 27 indicações para academias científico literárias em seu país. Exemplo da boa recepção da obra é a resenha de *History of the Conquest of Mexico* publicada na *The North American Review*, em janeiro de 1844: “Mr. Prescott has given proof of moral courage, as well as literary industry, by the publication of a new and elaborate historical work, before the applause with which his history of Ferdinand and Isabella was received has ‘died into an echo’” (p.158).

Outros tantos exemplos poderiam ser citados, tanto no México, como nos Estados Unidos. Citemos D. Joaquin García Icazbalceta, bibliófilo e tradutor de Prescott, quando escreveu que o historiador norte-americano realizara “un trabajo excelente, en lo cual supe hacer buen uso de la gran cantidad de documentos que tenía en su disposición”. Mesmo fazendo críticas pontuais, como o fato de Prescott ter parcialmente modificado os acontecimentos “por su admiración pelos logros alcanzados por Hernán Cortés” e pelo uso desnecessário de “ciertos ornamentos poéticos” em sua escrita, García Icazbalceta (como tantos outros intelectuais mexicanos depois dele) deixava claro que “que con este trabajo, el escritor americano eclipsó todos los sus predecesores” (1845, 284). Jaksic, por sua vez, destaca que Lucas Alamán admirava o fato de Prescott ter se proposto a abordar a conquista do México e do Peru sem o tom de denúncia que cria ser habitual entre os historiadores mexicanos, além de elogiá-lo pelo manejo de fontes e pela metodologia.

Por outro lado, José Fernando Ramírez, apesar de ocasionais elogios, foi duro crítico de Prescott no México. Atento ao vocabulário do norte-americano, Ramírez retrucou as assertivas de seu colega do norte sobre os astecas, qualificados como “bárbaros” e “selvagens”. Ao redargüir a noção de que o próprio idioma náhuatl seria uma língua não musical, o mexicano foi irônico, afirmando que alguém dos Estados Unidos teria “dificuldade em pronunciar e medir a melodia ou a dureza de certas palavras ou frases

mexicanas”, pois um “ouvido acostumado a harmonias como as do *Yankee Doodle* dificilmente pode ser um juiz competente”. (Ramírez, 2001, II: 234 apud Rutsch, 2004). Mechthild Rutsch (2004) mapeia três críticas básicas do então diretor do Museu Nacional ao historiador de Boston: o uso acrítico das fontes (que menosprezou fontes “mexicanas”, ou seja, indígenas); sua “instintiva indiferença racial” (também descrita como “antipatia” ou “desdém” racial); e a decorrente exultação da figura de Cortés. Por essa razão, ainda segundo Rutsch, Ramírez estava convencido de que a única forma de aceitar uma História da Conquista seria a se ela tivesse sido escrita pelos próprios descendentes dela, os mexicanos modernos. Dessa forma, julgamentos concernindo o passado do México tomariam características de “um julgamento de família, tendo em mente que a justiça seria feita aos próprios progenitores [dos mexicanos]. Nós podemos assim, e somente assim, conceber a esperança de ter uma história da Conquista completa, imparcial e crível” (Ramírez, 2001:231 ff apud Rutsch, 2004).

Percebemos, pois, que a historiografia oitocentista mexicana sobre a Conquista constituiu-se entre o repúdio e a aceitação do trabalho de Prescott. Por um lado é possível sondar a incrível permanência de marcos narrativos prescottianos; por outro, a recusa de Cortés e o protagonismo associado aos padres missionários, em especial aos franciscanos, rompia com *History of the Conquest* e assentava bases para as grandes sínteses históricas nacionais do final do XIX e início do XX.

Alamán, nas *Disertaciones sobre la Historia de la República Mexicana* (publicadas entre 1844 e 1849), adotara o paradigma de Prescott sobre a Conquista, concedendo papel de relevo a Hernán Cortés. Mas, católico como seus compatriotas, pôs nos ombros dos frades mendicantes o processo civilizador pós-conquista, exaltando-os por seu trabalho educativo, pela defesa dos oprimidos e pela inquietude em aprender as línguas nativas. Antonio Rubial Garcia ressalta que a principal fonte de Alamán nesses textos era a crônica de fr. Juan de Torquemada, OFM, e destaca que, a pesar de “algunos rasgos críticos, las *Disertaciones* mostraban ligas muy fuertes con la visión apologética de la evangelización forjada en el virreinato, a causa de su apego a las crónicas” (2002). Perspectiva similar pode ser encontrada no trabalho de García Icazbalceta, para quem a evangelização era um dos feitos fundamentais da nacionalidade que emergia e por isso seu trabalho incansável de resgatar e publicar textos coloniais religiosos (Rubial García: 2002). O índio voltava à cena, agora como catecúmeno. Nesse sentido, o paradigma

prescottiano persistia: a Conquista era o fim do mundo indígena e o início de uma nova ordem Assim como outros dos posicionamentos teóricos de Prescott acabaram, por aceitação ou negação, possibilitando a gesta de visões historiográficas que se tornaram canônicas na História mexicana: a utilização das fontes primárias coloniais, em especial as crônicas, o protagonismo de Cortés na Conquista, as razões que possibilitaram tal feito etc. Mesmo relativizando o protagonismo de Cortés, o capitão da Conquista é personagem central de livros como *México a través de los Siglos*.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DE ARMAS, Diana. ““Ocean Chivalry””: Issues of Alterity in Don Quixote”. *Wilson Colby Quarterly*, Volume 32, no.4, December 1996, p. 221-235.
- GARCÍA Icazbalceta, Joaquín *Bibliografía Mexicana del Siglo XVI* – catálogo razonado de libros impresos en México de 1539 a 1600. México: Fondo de Cultura Económico, 1954.
- GARDINER, C. Harvey. *William Hickling Prescott: a biography*. Austin: University of Texas Press, 1969.
- HALPERIN Donghi, Tulio. “Historiografía Colonial Hispano-Americana e Multiculturalismo: a História da Colonização entre a Perspectiva do Colonizador e a do Colonizado”. *Estudios históricos*, 1997, vol. 20.
- JAKSIC, Iván. *Ven conmigo a la España lejana. Los intelectuales norteamericanos ante el mundo hispano, 1820-1880*. Santiago: Fondo de Cultura Económica, 2007.
- KAGAN, Richard. “Prescott's Paradigm: American Historical Scholarship and the Decline of Spain”. *American Historical Review*, vol. 101, 1996, pp. 423-46.
- LEVIN, David. *History as Romantic Art: Bancroft, Prescott, Motley, and Parkman*. Stanford: Stanford Univ. Press, 1959.
- ORTEGA y Medina, Juan A. “La aportación de los historiadores españoles trasterados a la historiografía mexicana”. *Estudios de Historia Moderna y Contemporánea de México*. México: UNAM-IIIH, v. 10, 1986, p. 255-279.
- PRESCOTT, William H. *History of the Conquest of Mexico, with a Preliminary View of Ancient Mexican Civilization, and the Life of the Conqueror, Hernando Cortes*. Nova York: Harper and Brothers, 1843 (3 vol.).
- RODRÍGUEZ, Alberto. “El historiador William Prescott y su visión de los españoles”. *Actas del XII Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas* 21-26 de agosto de 1995, Birmingham, Vol. 4, 1998 (Del Romanticismo a la Guerra Civil / coord. por Derek Flitter), págs. 234-240
- RUBIAL García, Antonio. “Ángeles en carne mortal. Viejos y nuevos mitos sobre la evangelización de Mesoamérica”. *Signos históricos*, núm. 7, enero-junio, 2002, 19-51.
- RUTSCH, Mechthild: “Natural History, National Museum and Anthropology in Mexico. Some reference points in the forging and re-forging of national identity”. In: *Perspectivas Latinoamericanas*, Nagoya: Centro de Estudios Latinoamericanos, Universidad Nanzan, 1, 2004: 89-122.